

## Desenlaces, solidão e solidariedade

Ciclo de Encontros “Escutar a Cidade: Identidades, comportamentos e modos de vida”,  
um contributo para o sínodo da Diocese de Lisboa, 15 de Janeiro 2015

O tema que proponho para reflexão é o da solidão. A solidão na cidade.  
Como a solidão tem vários rostos, começava por propor uma precisão conceptual.

Aqui, não vou falar da solidão que artistas e escritores reclamam para a sua criatividade. Nem vou falar daquela solidão que nos faz mergulhar na riqueza do silêncio, embora o silêncio nos ajude a decifrar os enigmas da solidão. Também não vou falar daquela solidão que se serve do silêncio como um caminho aberto para a escuta, para a possibilidade do encontro – com os outros ou com nós mesmos. Aqui vou falar sobretudo da solidão que resulta de desenlaces sociais. Solidão sofrida.

Desembrulhemos então o sentimento de solidão da ideia de “estar só”. Podemos estar sós sem que estejamos em solidão. E podemos viver um sentimento de solidão quando não estamos sós. Isso ocorre quando alguém, carente de relacionamentos, de uma voz amiga, de um ombro de apoio, olha à sua volta e se vê entre estranhos ou indiferentes.

Quando o outro está fisicamente próximo mas afetivamente distante, quando os muros de silêncio não deixam ver nem ouvir o que o outro tem para dizer, então, a solidão bate à porta.

O que quero dizer é que para entendermos a solidão – enquanto sentimento individual – há que olhar o seu avesso, que é tecido de laços sociais: ausentes ou presentes.

É curioso. Na etimologia da palavra solidão existe *solus*. Na verdade, o sentimento da solidão flui num leito (num *solus*) determinado por duas margens de variabilidade convergente: o *isolamento* e o *relacionamento*.

Estas margens ladeiam todo o curso de vida, independentemente da idade. Por isso a solidão pode ser vivida por adolescentes vítimas de *bullying*, por mulheres mártires da violência conjugal, por desempregados de longa duração, por imigrantes com dificuldades de integração ou por idosos sem suportes de apoio...

Pensem em particular nos idosos. Afortunadamente há idosos felizes. No entanto, há outros que vivem uma solidão inquietante. Uma boa parte dos cadáveres que ficam nas morgues, sem que ninguém os reclame, são de idosos. Isto dá que pensar.

Ao analisar a solidão dos moribundos, Norbert Elias mostrou claramente como ela decorre de um sentimento de exclusão em relação à comunidade dos viventes. Diz ele: “se uma pessoa sentir, quando está morrendo que, embora ainda viva, deixou de ter significado para os outros, essa pessoa morre em solidão”.

Outrora, os moribundos tinham em casa a proteção da família, eram visitados por familiares, vizinhos e amigos. Hoje, morrer em casa começa também a querer significar morrer em solidão.

De acordo com o último censo da população portuguesa, cerca de 60% da população idosa vive só ou em companhia de outros idosos. Alguns morrem em casa, literalmente abandonados. Só se descobrem pelo cheiro a morte apodrecida. A imprensa reporta alguns desses casos dramáticos.

Recordo o caso de Inês. Ficou morta na banheira durante mais de três anos. Nenhum dos seus cinco filhos a procurou. Os vizinhos também não, apesar do entulhamento da sua caixa de correio, claro sinal de ausência. Nada os mobilizou. Nem mesmo o «cheiro insuportável» que vinha da casa de Inês, cheiro a morte, de cadáver em decomposição. Uma vizinha pensou que seria cheiro de esgotos ou de ratos mortos. Os sinos de Natal permaneciam afixados na porta de sua casa, como se todos os dias fossem Natal durante mais de três anos.

No caso de outra idosa, e porque as contas da água e luz não eram pagas, o Estado penhorou-lhe a casa. E lá se descobriu o corpo da idosa em adiantado estado de decomposição. Há nove anos que jazia na cozinha. Perto dela os seus únicos companheiros: dois pássaros mortos numa gaiola e o esqueleto de um cão.

Para algumas pessoas, os animais de estimação são companheiros que preenchem o vazio da solidão. Uma tarde, quando visitava com minha filha o Jardim Zoológico de Lisboa, vi uma mulher junto a uma campa no cemitério dos animais. Aproximei-me dela. Chorava porque não suportava o vazio da perda do seu cachorro. Inventariando as mensagens das lápides de mais de um milhar de campas do cemitério, dei-me conta desse recorrente sentimento de perda: «Bill / A dona ama-te eternamente»; «Querida Jane (Janinha) / Descansa em paz / Voltaremos a estar juntas quando Deus quiser/ Muitas saudades.»

Os maus tratos aos idosos são um fenómeno preocupante na sociedade europeia. Dados recentes do *European Social Survey* mostram que 32% dos inquiridos com mais de 65 anos já foram vítimas de discriminação com base na idade.

Em algumas famílias, os idosos continuam a ser objeto de maus-tratos e, quando despejados em lares ou hospitais como «pesos mortos», passam frequentemente a ser «casos» que ocupam «cadeiras» ou «camas». Numa pesquisa que realizei em lares de idosos, muitos se lamentavam da falta de visitas. Os próprios familiares mais achegados só muito esporadicamente os visitavam.

A maioria deles alia-se à televisão no combate à solidão inimiga. Os apresentadores de televisão passam a constituir a sua família: falam-lhes diariamente, sorriem-lhes, dão-lhes notícias e novidades, disponibilizam imagens do que se passa no mundo, imagens coloridas que são engolidas pela sombria existência de uma vida solitária.

Às vezes a solidão é tanto mais solitária quanto mais povoada de memórias. Alguns idosos olham para o passado, e em balanços de vida lamentam os rumos que ela tomou. Uns culpam o destino; outros culpam-se a si próprios, desencadeando pensamentos fraudulentos sobre o que poderia ter ocorrido se não ocorresse o que ocorreu.

Há ainda os «maus pensamentos». Vários idosos me confessaram que por vezes lhes passam «coisas pela cabeça». Por exemplo, «atirarem-se à linha de comboio ou do metro».

A perda de sentimento de pertença é um dos fatores mais associados à solidão e ao desencanto com a vida. Alguns anúncios de jornais dão-nos conta do desespero de quem procura algum tipo de conexão social. Exemplo:

“Se é mulher [...] e não procura a felicidade, nem amorosa, sexo ou esperança, se apenas deseja morrer, mas não em solidão, ligue-me”.

Outros buscam encontros ocasionais com prostitutas. Não necessariamente para ter sexo; apenas para fugirem à solidão, para falarem, desabafarem. Assim se vão enganando a si próprios julgando enganar a solidão. Mas entre as trabalhadoras de sexo existem também casos dramáticos de solidão. Algumas são mães. O dinheiro que ganham é necessário para o sustento dos filhos.

Há ainda os que inventam imprevisíveis artes de contornar a solidão. Uma das histórias mais apaixonantes que encontrei foi a de Kinkas, um solteiro com mais de 80 anos de idade, residente em Niterói, Rio de Janeiro. Depois de se reformar sentiu-se em solidão, sem saber o que fazer ao tempo. Aí decidiu que ocuparia o tempo visitando conhecidas celebridades (do mundo artístico e futebolístico) nos vários cemitérios do Rio. Tinha mesmo um diário como os contabilistas: visitas havidas, visitas por haver.

Um dia, viu a fotografia de uma mulher na lápide de uma campa. Foi amor à primeira vista. Amor eterno. Já namora com Etelvina há alguns anos. Junto à campa de seu amor platónico jazem alguns familiares dela. Kinkas tranquilo. Não se intrometem no namoro; nada de fofocas.

Li muitos livros sobre “solidão” mas em nenhum deles aprendi tanto como com um sem-abrigo. Um deles, quando o questionei sobre o significado da “solidão”, passou as mãos pelas longas barbas e respondeu:

“A solidão [...] é um sentimento que as pessoas têm no coração, normalmente parte de um sentimento. [...] Está em nós, o que interessa é senti-la de facto, não só expressa-la por palavras mas senti-la no nosso próprio ser, naquilo que nós somos”.

Sábria definição. Mas como chegar à realidade desse sentimento que não se expressa em palavras; que apenas se sente?

Esse é um desafio ao qual as ciências sociais se têm esquivado, na exata medida em que os sentimentos se esquivam aos métodos que habitualmente se empregam para dar conta de realidades outras que não a dos sentimentos.

Sabemos como quebrar uma **noz** e extrair dela o miolo. Sabemos como abrir uma **lata de atum**. Sabemos como abrir um **cofre**. Podemos até arrombá-lo. Mas, como me dizia o sem-abrigo, é muito difícil chegar ao sentimento das pessoas; é muito complicado penetrar no interior dessa caixinha produtora de sentimentos – a que se chama alma, coração ou mente.

Qual a chave para decifrar o enigma da solidão? Merleau-Ponty escreveu um livro (*O Olho e o Espírito*) em que falava do seu gosto por aqueles pintores que diziam que **as coisas olhavam para eles quando as pintavam**. É isso provavelmente o que temos de fazer: sentir o olhar daqueles que, na sua solidão, são olhados de lado ou simplesmente esquecidos. Um olhar de escuta que saiba interpretar o silêncio.

Isso implica, um **método**. Um *olhar intrometido*. Olhar *metido* no que normalmente se despreza, mas também *comprometido*, isto é, envolvendo um compromisso, uma obrigação de denúncia, de desocultação, de desvendamento, de escuta, de dádiva. Dizia-me um mendigo: “Às vezes, vale mais uma palavra que uma esmola, compreende?”.

Há tempos doe um casaco usado a um sem-abrigo. Agora, sempre que passo pelo meu velho casaco, invejo-o pela relação de intimidade que tem com o mendigo. Lamento não poder fazer **a biografia da nova vida do meu velho casaco** para lhe descobrir a nova identidade e, sobretudo, a identidade de quem o veste.

Fiz amizade com alguns sem-abrigo. Um deles era o José que frequentava aqui a igreja de S. João de Deus, na Praça de Londres. Andava sempre com a sua Bíblia no bolso do casaco. Teve alguns internamentos no hospital Júlio de Matos - mas não porque fosse deficiente mental. Um dia soube que teria alta hospitalar. Colhi essa informação na Igreja. Perguntaram-me se sabia de algum lugar onde o pudéssemos acolher. Contactei uma pessoa amiga da CML que conseguiu um lugar no Centro de Acolhimento de Xabregas.

No dia em que José saiu do hospital decidi que o iria ver, dar-lhe um abraço. Certamente que o encontraria na missa das 7 da tarde. Assim foi. No hospital tinham-lhe dado um fato ofertado pelo Corte Inglês. Na camisa um snob laço aristocrático. Finda a missa perguntei-lhe:

- José, onde vais dormir?
- *Por aí!* - respondeu-me.
- Olha, consegui arranjar um centro de abrigo para passares a noite. Queres ir?  
Fitou-me nos olhos, deu um tempo para pensar e respondeu: - *Está bem.*

Apanhámos um táxi e fomos até Xabregas. Lá me esperava a socióloga com quem já tinha falado ao telefone sobre o José. Lá chegados, o olhar vivo José olhava à volta, tudo tentando captar. Nisto dois homens – vim depois a saber que eram toxicodependentes – começaram a discutir, e logo depois agrediram-se a soco. José ficou nervoso. Em silêncio.

Nisto vira-se para mim e diz-me.

- *Como é que eu vou à Igreja? Fica muito longe... Não sei se quero aqui ficar...*

O poeta Manoel de Barros, em seus *Ensaios Fotográficos* escreveu que é “difícil fotografar o silêncio”. Mesmo assim tentei fotografar o silêncio do José. Na revelação do silêncio obtive a resposta. José não queria mesmo ficar para onde o levava. Chamei um táxi.

- José, onde queres ficar?

- *Ao pé da minha Igreja* – respondeu-me.

Eram já quase nova horas da noite e tinha de regressar a casa para terminar um trabalho. Deixei o José à frente da Igreja de São João de Deus. Doei-lhe uma pequena esmola. Abraçamo-nos e afastei-me paulatinamente. Ele ficou imóvel, em silêncio, acenando-me adeus. Começou a cair uma chuva miudinha, cada vez mais persistente. Acelerei o passo como se fugisse de mim mesmo.

Cheguei a casa com a alma encharcada de remorsos. Nessa noite não consegui dormir. Tinha deixado um amigo na rua. Não se abandona um amigo na rua. Perdoa-me José.

Nessa noite fui invadido por um tremendo sentimento de solidão. Com José descobri que a solidão é um desencontro com o outro, nalguns casos com nós mesmo mesmos. Cada um de nós é um pressuposto de outros, mesmo de outros que existem em nós e que em nós se atam em sua conflitualidade. Como chegar ao outro que existe fora (ou dentro) de nós? Como superar a distância do desencontro?

Dois caminhos possíveis: o das predisposições individuais e o das disposições sociais.

Individualmente temos de criar predisposição de escuta, de abertura ao outro.

Socialmente temos de pensar no reverso da solidão: a solidariedade social

A cidade, para além de produtora de sociabilidades, é também um espaço de segregação e de exclusão social. Mas o combate à exclusão social não será efetivo se não houver uma atuação sobre os mecanismos de exclusão gerados pela própria sociedade estabelecida, dita inclusiva. A marginalidade é produzida pelo centro.

José Machado Pais